

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

RENATA PEREIRA DA ROCHA ARAÚJO

**CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO CINEMA E CRIANÇAS**

Belo Horizonte

2015

Renata Pereira da Rocha Araújo

**CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO CINEMA E CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Clarisse Alvarenga

Belo Horizonte

2015

Renata Pereira da Rocha Araujo

**CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO CINEMA E CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Clarisse Alvarenga

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Clarisse Alvarenga – Faculdade de Educação da UFMG

Eugênio Magno Martins de Oliveira (Doutorando/Fae/UFMG)

DEDICATÓRIA

Dedico este projeto à UMEI PALMEIRAS, espaço/tempo onde dei os meus primeiros passos como Professora da Educação Infantil.

À sua Diretora Eliane Muniz e às coordenadoras Tati Reis e Ana Lúcia, exemplos de profissionalismo, dedicação e amor, as quais me acolheram com carinho, incentivaram e confiaram no meu trabalho desde o início.

Às crianças-protagonistas desse empreendimento, que tanto me surpreenderam, tanto me ensinaram com suas criancices nesses meus primeiros passos e me fizeram acreditar que fiz a escolha certa.

AGRADECIMENTO

À Força Divina que me concedeu a graça da vida com saúde e perseverança para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais pelas velhas experiências e os novos aprendizados que vivenciamos juntos a cada dia.

Ao meu esposo Regis pela compreensão e paciência durante os momentos de tensão, pressão e mudanças pelos quais passamos nesse período.

Às minhas filhas, Gabriela e Beatriz, minhas fontes inspiradoras para tudo que me proponho nessa vida.

À minha Orientadora Professora Clarisse que, com seu sorriso, gentileza e carinho a cada encontro, abrandava minha ansiedade e trazia luz para meu trabalho.

Aos colegas, inicialmente, e que ao longo desse percurso nos tornamos amigos e irmãos “lasebianos”, compartilhando as angústias, alegrias, anseios, experiências, e o “cafezinho com quitutes” nos intervalos.

*Tem um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que
Carregava água na peneira.*

...

*A mãe reparou que o menino gostava
Mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios
São maiores e até infinitos.*

(Manoel de Barros)

RESUMO

Atualmente somos apresentados à realidade da era virtual em que as mídias estão preenchendo grande parte do nosso tempo e de nossas crianças, seja através da televisão, celulares, computadores, aparelhos de vídeos. Impressiona saber que tais acessos extrapolam a sala de estar de casa, onde a televisão ainda permanece ligada à tomada. Porém, diante da evolução eletrônica, os aparelhos agora podem acompanhar a sua “vítima” em qualquer espaço-lugar: no carro, na sala de espera do consultório médico, no Shopping Center, no parque, enfim, até onde e quando a energia do artefato suportar e conseguir entreter a criança. E a escola também está inserida nesse espaço-lugar e de certa forma as crianças, que ali chegam cada vez menores, estão sendo expostas a esse universo de estímulos audiovisuais, cada vez mais cedo. A partir dessa perspectiva é proposto neste trabalho a reflexão acerca do comportamento físico ou corporeidade dessas crianças frente às imagens que lhes são apresentadas, estabelecendo uma comparação dessas interações frente às diversas fontes fílmicas. Na busca desse objetivo, foi desenvolvido um trabalho de exibição de filmes do circuito comercial e filmes de curta metragem do âmbito alternativo para crianças de três a quatro anos, dentro de uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI- de Belo Horizonte. A partir da observação em tempo real e do estudo posterior de gravações em vídeos das crianças durante esses momentos, foi possível verificar que há uma diferença no comportamento físico, linguagem corporal e oral dessas crianças, conforme o que lhes é apresentado. No entanto, este não é um trabalho conclusivo, uma vez que, são escassos os estudos sobre esse assunto quando se trata da corporeidade da criança frente aos estímulos audiovisuais.

Palavras-chave: Corporeidade da Criança; Audiovisuais; Cinema-educação

TABELA 1 FILMES EXIBIDOS

A ilha	A maior flor do mundo
A menina que odiava livros	A pequena vendedora de fósforos
A ponte	Akvo
Alma	Aprender a aprender
Até as princesas soltam pum	Azulado
Bontempo	Calango lengo
Esquimó – o filme	Os pássaros
O farol	O livro mágico
Rua das Tulipas	Vida Maria
Charles Chaplin: o jornal	Charles Chaplin: a bicicleta
Charles Chaplin: Reflete vidro	Charles Chaplin o artista
Historias da unha do dedão do Pé do fim do mundo	

TABELA 2 CRONOGRAMA

05/08 A 25/11	FILMES EXIBIDOS
1ª semana	Historias da unha do dedão do pé do fim do mundo Bontempo
2ª semana	A maior flor do mundo A ilha
3ª semana	A menina que odiava livros Os pássaros e a Ponte
4ª semana	Esquimó – o filme Até as princesas soltam pum
5ª semana	Aprender a aprender Calango Lengo
6ª semana	A pequena vendedora de fósforos Azulado
7ª semana	Rua das Tulipas Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo
8ª semana	Vida Maria Bontempo
9ª semana	Charles Chaplin: O jornal Calango Lengo
10ª semana	Charles Chaplin: O artista A ilha
11ª semana	Charles Chaplin: A bicicleta Alma
12ª semana	Charles Chaplin: Reflete o vidro O livro mágico
13ª semana	O farol Akvo
14ª semana	A ponte Alma
15ª semana	A ilha A maior flor do mundo
16ª semana	Charles Chaplin: o Jornal Charles Chaplin: a Bicicleta

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONCEITOS TEÓRICOS	15
2.1 Educação Infantil	15
2.2 Educação e Cinema	16
2.3 Cinema-Arte	19
2.4 Corporeidade e Cinema	23
3. ARGUMENTO E ESCOLHAS	26
3.1 O estranho na escola	28
3.2 Cenário	28
3.3 Protagonistas	30
3.4 Público	30
4. ROTEIRO	31
4.1 Sequência de ações	31
4.2 Diálogos	32
4.3 Cenas	33
4.4 Sala de cinema	33
4.5 Primeira sessão	35
5. RESULTADOS	36
5.1 Percalços na produção	36
5.2 Olhares e corpo	37
5.3 Filmes comerciais	39
5.4 Curtas alternativos	40
6. IN(CONCLUSÕES)	42
7. APÊNDICE	44
8. REFERÊNCIAS	45
9. FILMOGRAFIA	47

1. INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Pedagogia, 2007/2011 na Faculdade de Educação- FaE- da Universidade Federal de Minas Gerais, tive a oportunidade de participar do Programa de Bolsas- Pronoturno, que fora criado para manutenção do aluno do noturno na faculdade, privilegiando a sua formação geral e acadêmica. A formação acadêmica objetivava a inserção do discente nos espaços e eventos da universidade como seminários e oficinas, a produção e apresentação de trabalhos científicos, além da participação do mesmo em algum grupo de pesquisa da faculdade. Como formação geral compreende-se a apresentação e frequência dos bolsistas nos espaços culturais da cidade e em seu entorno: cinemas, teatros, museus, parques, praças e outros, além de promover e aprimorar o hábito da leitura literária e apreciação crítica de filmes, proporcionando assim a ampliação do capital cultural desses futuros profissionais da educação. E é nesse momento que a semente da Sétima Arte foi semeada no meu caminho, quando foi proposto pela professora coordenadora do grupo o estudo de filmes que não faziam parte do circuito comercial, além de sugerir conhecer outras salas de cinema para além dos muros dos Shoppings Centers.

Permaneci nesse grupo durante um ano e meio, pois, em seguida fui aprovada no concurso da Prefeitura de Belo Horizonte para o cargo de Auxiliar de Biblioteca Escolar, cargo pelo qual exerci por cinco anos. Nesse período tive a oportunidade de praticar, como profissional, o hábito e ampliação da leitura literária, bem como mediar esse acesso à comunidade escolar: alunos, professores, pais, funcionários. Além de um extenso e rico acervo literário, as bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte/MG- RME/PBH possuem também um amplo acervo de materiais audiovisuais, enviados através de programas do Governo ou adquiridos de acordo com a demanda dos usuários da comunidade. Nesse segundo momento, aquela semente que fora plantada durante a graduação, começou a brotar.

Exercendo a função de mediadora no processo de formação de leitores, principalmente dos alunos, sempre preoquepei em fazer uma leitura dos títulos mais desejados por eles, para conhecer seus gostos e poder sugerir outros. E, assim, semeava entre eles literaturas que eles nem imaginavam que existiam e pudessem gostar. No entanto, me deparava constantemente com uma questão: como os

professores trabalhavam a leitura fílmica dos seus alunos, uma vez que, eu não participava desses momentos porque os filmes eram exibidos na Sala de Vídeo da escola. Tal questionamento partiu da minha preocupação com as escolhas dos filmes pelos professores, os quais seriam exibidos para seus alunos. Normalmente eles solicitavam *um filme de no máximo cinquenta minutos por causa do tempo disponível*, e, por diversas vezes esses momentos só eram possíveis devido à ausência de algum professor. Sendo assim, as escolhas eram aleatórias em todos os sentidos. Quando não, eram escolhas com cunho didático para ilustrar a matéria curricular. Ressalto que, algumas vezes, ao sugerir algum título para o professor, este dizia que *não era adequado para seus alunos porque eles não iriam entender*, preferindo *algo mais simples e fácil que eles pudessem ficar entretidos*.

Assim, em meio a esta e outras inquietações sobre a relação teoria e prática no cotidiano escolar, eis que surge a oportunidade de participar do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica - LASEB-destinado a Professores, Técnicos Superiores de Educação, Auxiliares de Biblioteca e Bibliotecários da RME/PBH/MG. São ofertados seis eixos de estudo, sendo que optei por Educação e Cinema, devido às vivências relatadas acima com relação a esse tema.

Quando me inscrevi nesse processo, exercia o cargo de Auxiliar de Biblioteca Escolar, porém, estava prestes a ser convocada para tomar posse na mesma rede de ensino como Professora Para Educação Infantil. Assim, concomitantemente, passei a fazer parte do quadro de docentes na escola e discente do curso acima mencionado, a partir de Fevereiro de 2014.

Sendo novata no cargo de Professora e ainda numa Unidade Municipal de Ensino –UMEI- recém-inaugurada, era natural que os anseios e medos fizessem parte desse processo inicial. Mesmo advinda do ambiente escolar, não tinha a experiência da prática pedagógica dentro da sala de aula, uma vez que, a Biblioteca é considerada um espaço distinto daquele outro. Nesse momento, retornar à Faculdade de Educação e, ao mesmo tempo ingressar nessa nova função proporcionou-me, de antemão, adentrar esse novo espaço com o olhar totalmente direcionado e atento para essa nova prática. Tal movimento se deve aos moldes desse curso, uma vez que, durante esse período o cursista deverá apresentar um plano de ação a ser desenvolvido em sua escola de origem.

Nessa perspectiva, já entrei nesse novo lugar à procura daquilo que seria problematizado para esse trabalho. E não foi tão difícil encontrar um motivo para tal, uma vez que, deparei-me com o mesmo “problema” relatado sobre minha experiência como Auxiliar de Biblioteca: quais os filmes que são oferecidos para as crianças dessa unidade de ensino. Contudo, tal preocupação tornou-se mais intensa, pois, o público alvo em questão, são crianças na faixa etária de 1 a 5 anos.

Atualmente a realidade nos apresenta uma era virtual em que as mídias estão preenchendo grande parte do tempo das crianças, seja através da televisão ou outro meio eletrônico: celulares, computadores, aparelhos de vídeos. E a escola sendo reconhecida e legitimada como o “local do saber”, no qual as crianças chegam cada vez menores, busca também embarcar nessa era de imagens utilizando os meios audiovisuais como recurso pedagógico ou meramente para preencher a carga horária do cronograma escolar. E esse é um desafio para o professor, uma vez que, ele não pode ficar omissos à presença desses meios através dos quais, de certa forma, as crianças estão “aprendendo” com eles. Assim a questão que surge é se o conteúdo de tais meios é apropriado para o desenvolvimento amplo dessas crianças e de que forma elas fazem a “leitura” do que lhes é apresentado.

A partir dessa perspectiva é proposto neste trabalho a reflexão acerca do comportamento físico ou corporeidade dessas crianças quando expostas à exibição de filmes, uma vez que, na Educação Infantil as crianças se expressam ou manifestam seu conhecimento, desenvolvimento e relação com o mundo por meio do seu corpo. A constatação desse enunciado citado em estudos sobre o desenvolvimento das crianças foi possível a partir da observação dos momentos em que esses sujeitos eram expostos a exibição de “filminhos” pelas suas respectivas professoras, gerando incômodos tais como:

- os filmes que lhes são apresentados, normalmente são desenhos animados já conhecidos pelas crianças, principalmente no ambiente familiar, ou seja, são veiculados na TV através de canal fechado ou aberto.
- a postura das professoras durante esses momentos;
- a corporeidade das crianças diante das atitudes ou falta delas, da inércia e na forma como elas estão absorvendo os estímulos desses filmes.

Diante de tais observações e buscando uma forma de relativizar a teoria e a prática educativa, propus, inicialmente, somente a criação de um acervo de outras possibilidades cinematográficas que não estão no circuito comercial, a fim de proporcionar a ampliação do capital cultural dessas crianças. No entanto, como o fator surpresa faz parte do nosso cotidiano, ainda mais se tratando de crianças, outro aspecto foi observado durante a exibição desses novos “filminhos”: a linguagem corporal e oral dessas crianças que se distinguiu daqueles outros. Tal fato pode ser verificado através da observação em tempo real e do estudo posterior de gravações em vídeos das crianças durante esses momentos.

As bases teóricas desse trabalho estão relacionadas aos conceitos de Educação Infantil, Educação e Cinema, Cinema-arte e Corporeidade das crianças. A Educação Infantil foi comentada com base em documentos governamentais com o intuito de expor suas concepções e objetivos. Durante o curso de Especialização em Educação e Cinema manteve-se num constante diálogo entre o referido termo e as disciplinas ministradas, bem como a ideia de Cinema-arte que também fora destacada e trabalhada nesse período. Com relação à concepção de Corporeidade das Crianças foram feitas pesquisas bibliográficas concernentes a tal questão frente aos estímulos visuais. Ressalto que são escassos os estudos sobre este tópico, sendo proposto aprofundar nessas pesquisas, sabendo que, a Educação Infantil por si só já é um aspecto da etapa escolar que ainda está “engatinhando” apesar dos avanços conquistados por essa área.

2. ARGUMENTANDO O ROTEIRO

O argumento é a ideia geral que precede o roteiro de um filme. Através dele serão desenvolvidas as ações e acontecimentos que darão forma ao roteiro. Nessa perspectiva apresento os embasamentos, nesse caso, os conceitos teóricos que culminaram no argumento desse projeto.

2.1 Educação Infantil

Os protagonistas desse trabalho são crianças de três a quatro anos, alunos de uma UMEI, como já relatado anteriormente. Sendo assim, torna-se pertinente apresentar uma definição desses sujeitos e o espaço/tempo no qual estão inseridos, cenário do projeto.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (MEC, 2010, p. 12):

Criança é o Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

No mesmo texto, compreende-se Educação Infantil, no sentido de espaço, como os “estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças”, tendo como finalidade o desenvolvimento integral delas. No sentido de tempo, Educação Infantil representa a primeira etapa da Educação Básica compreendendo as crianças de 0 a 5 anos de idade.

Assim, estou falando de sujeitos que estão no processo de construção da sua identidade, autonomia e formação: pessoal, afetiva, emocional, social e cognitiva. Isto é, estão se preparando para o mundo e a sociedade a que eles pertencem.

Nessa perspectiva, ressalto a minha preocupação inicial em abordar um assunto relativamente novo, falando sobre sujeitos ainda em formação, inseridos num lugar em crescente expansão nas últimas décadas no Brasil e que ainda gera discussões sobre seus paradigmas, conceitos e concepções.

Acredito que a junção desses aspectos ainda “obscuros” e ávidos por serem “desvelados”, instigou-me a buscar compreender e refletir sobre uma parte do universo infantil, que também é relativamente novo para mim.

Sendo os profissionais do ensino considerados também mediadores das culturas na escola (SOUZA, 2013), tal afirmação culminou na ponta do argumento para o trabalho: quais são essas culturas ou o que apresentamos às nossas crianças logo na sua primeira infância, o qual servirá de base para que produzam cultura. Ele ainda sinaliza que *realizar a mediação cultura na escola é essencialmente fazer escolhas*.

Portanto, a partir das definições de “crianças” e “educação infantil” e, conseqüentemente, compreender um pouco mais os sujeitos e de onde estaria desenvolvendo esse trabalho, problematizei a seguinte questão: quais são essas escolhas que nós, professores/mediadores das culturas, exibimos para as nossas crianças e os sentidos ou significados que elas trazem para sua própria formação cultural. Nessa perspectiva busquei por referenciais teóricos que abrangessem o campo da Educação e o Cinema.

2.2 Educação e Cinema

Entendo que a educação, no seu sentido mais amplo, está presente no cotidiano entre as diversas práticas sociais, em múltiplos espaços e através de diversos meios de transmissão de conhecimentos. Sendo assim, ela ocorre independentemente de classe social, de instâncias escolares e de alguém especialista ou algo específico para “educar”. Não há limites para a educação, nem mesmo entre os muros da escola, onde ela se dá e se faz através das relações entre toda comunidade ali presente, de suas práticas pedagógicas e em todos os seus espaços: salas de aula, pátio, biblioteca, refeitório, no portão da escola.

Atualmente, a nova geração está imersa na era da comunicação audiovisual, não como simples espectadores, mas como usuário, individuo que vê, produz e expõe nas mídias. Nessa perspectiva o celular, por exemplo, como instrumento audiovisual de meio de comunicação está na mão de qualquer criança, desde bebês. O acesso a essa comunicação não se limita ao espaço da sala de casa, onde a TV está fixa e ligada na tomada. Hoje, diante da evolução eletrônica, os aparelhos agora podem acompanhar a sua “vítima” em qualquer espaço-lugar: no carro, na sala de espera do consultório médico, no Shopping Center, no parque, enfim, até onde e quando a energia do artefato suportar e conseguir entreter a criança. . E a escola também está inserida nesse espaço-lugar e de certa forma as crianças, que

ali chegam cada vez menores, estão sendo expostas a esse universo de estímulos audiovisuais, cada vez mais cedo.

Nesse sentido, Marília Franco sinaliza que o cinema oferece uma vivência virtual que favorece o afloramento, a manifestação das vocações e que a escola precisa oferecer aos seus alunos, oportunidades de autoconhecimento desde criança e saber quais são essas condições para que o aluno possa perceber a sua vocação e desenvolvê-la de forma orientada pedagogicamente. A escola, como instituição da “transmissão de saberes” tem que ter o conhecimento de como e o quê o audiovisual está formando na cabeça dessas crianças. Qual é essa cultura cinematográfica.

Segundo Louro¹ (2000, p. 423,443) nas primeiras décadas do século XX, o cinema surgiu como uma modalidade moderna de lazer e depois se transformou numa instância educativa potente. A autora nos traz a ideia da “pedagogia cultural que não se limita aos espaços escolares e que efeitos ela está potencialmente produzindo através dos processos educacionais”.

Nota-se que há a mesma preocupação entre as duas autoras com relação à prática pedagógica, o fundamento cognitivo formador da comunicação audiovisual na qual as crianças e todos nós estamos imersos atualmente. Nesse caso, especificamente, o cinema.

Rosália Duarte em seu livro Cinema & Educação (2009, p. 14) apresenta o cinema como “uma prática social importante que atua na formação cultural e educacional das pessoas e contribui para distingui-las socialmente”. Essa distinção está relacionada com as experiências e maneiras de ver os filmes dentro do grupo social ao qual pertencem. Acrescenta que a educação é um processo de socialização, e, nesse caso, estabelece um elo de ligação com o cinema, por esse apresentar “a possibilidade de interação entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns”.

A partir desse pressuposto e pensando na escola também como uma instância de socialização, transmissão e produção de saberes, entre *desiguais*, importa questionar como o cinema na escola se encaixa nesse processo de ensino e aprendizagem e na socialização dos sujeitos.

¹ Indico a leitura do artigo “O Cinema como Pedagogia” de Guacira Lopes Louro, In: 500 Anos de Educação no Brasil, no qual a autora, Mestre e Doutora em Educação, aponta as representações do cinema nas questões de gênero, sexuais, étnicas e de classe.

Cabe ressaltar ainda a importância de refletir sobre a exploração e uso de uma nova linguagem que foge àquela que predomina na escola, que é a cultura da linguagem escrita. A partir do momento que essa linguagem imagética passa a fazer parte do cotidiano de dentro da escola, ela passa a produzir outros tipos de textos que não o texto escrito. E como a escola vai se organizar na produção desses novos textos, dessa nova linguagem, a partir do ponto de vista ético, do uso e da divulgação dessas imagens, é um questionamento que também devemos levar em consideração.

Outro ponto a se considerar e bem recente é a criação da Lei 13.006 de 26/06/2014 que altera a Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9.394/96 - incluindo no “Art. 26, § 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” .

Considero tal lei criada pelo Senador Cristovam Buarque um avanço para o desenvolvimento do capital cultural de nossa comunidade escolar, uma vez que, a maioria da cultura cinematográfica presente na escola deriva das produções hollywoodianas. Dessa forma, a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais, aponta para o reconhecimento e divulgação dessas produções, que são “sufocadas” pela avalanche de filmes comerciais americanos.

No entanto, a mesma obrigatoriedade coloca em questão, o critério para escolha desses filmes que será feita pelos professores/mediadores, os quais, assim como a maioria da sociedade brasileira, desconhece a produção fílmica nacional ou tem preconceitos sobre o pouco que se sabe. Isto, porque o mercado cinematográfico no Brasil, historicamente construído, tende a divulgar amplamente e majoritariamente em suas confortáveis salas de exibição de Shopping Centers, as superproduções hollywoodianas e altamente comerciáveis, deixando à margem, nos espaços alternativos e pouco divulgados, as produções nacionais: o filme americano entra no mercado brasileiro com 500 a 1.000 cópias, enquanto o filme brasileiro essa tiragem é de 10 a 15 cópias.

E, transformar ou reformular essa cultura sedimentada, buscando e pesquisando por algo que ainda está por ser descoberto, pode ser penoso para aqueles que já estão estagnados e acomodados em sua condição docente. Por esse motivo, acredito que tal legislação é positiva no sentido de gerar incômodos e inquietações para esses docentes, a ponto de se tornarem motivações e novos

olhares sobre o cinema, porque uma das características subjetivos do cinema é de fazer o sujeito sair de sua zona de conforto. Cabe inclusive perguntar: do mesmo como a escola oferece meios para aquisição do domínio para ler, escrever, contar seria possível ela dar conta também do “ensinar a ver”? E se for possível, o que vamos ensinar a ver? Qual a intencionalidade? Qual o sentido dessas escolhas?

Isto posto faz-se necessário abordar outro conceito, o qual a partir dele, o incômodo foi instalado trazendo consequências inesperadas ou impensadas nesse trabalho.

2.3 Cinema-Arte

Se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum.

(Alain Bergala)²

A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola, livro do autor acima, o qual fora amplamente divulgado durante esse curso e citado em quase todas as disciplinas, foi o grande “culpado” pelo afloramento do argumento deste trabalho. No entanto, não há uma versão em português disponível no mercado, e, sendo assim, não fiz a leitura do texto original. Fato esse que me instigou a pesquisar ainda mais sobre essa *hipótese-cinema*, e a cada descoberta me encantava com essa possibilidade e, durante a prática do trabalho percebi o quanto essa teoria/hipótese foi importante para o seu desenvolvimento e para as minhas conclusões.

Antes de discorrer sobre esse conceito, gostaria de abrir um parênteses, já que entramos no campo da educação escolar, e como bem disse Bergala, esse talvez possa ser o único lugar de acesso à arte para muitas crianças. Nesse caso cabe falar um pouco sobre o que é a escola, sem pretender aprofundar em todos os seus desmembramentos, sabendo o quão é complexa tal instituição e que existem

² Alain Bergala é cineasta e professor de cinema em Sobornne Nouvelle, Paris III, Lyon II e Rennes II. Diretor de uma coleção de DVDs livres de direitos para difusão em sala de aula L’eden Cinéma. Em 2000 foi conselheiro de Jack Lang, Ministro da Educação na França, com quem desenvolveu um projeto de artes na educação.

diversos modelos entre a pública e a privada. Sendo assim, pretendo somente apresentar alguns aspectos gerais sobre tal instância, no intuito de tentar circundar em qual deles é possível encontrar uma brecha para encaixar o cinema-arte na escola.

De forma bem sucinta a escola é o lugar construído e legitimado historicamente pela sociedade, no qual se transmite os saberes e conhecimentos considerados necessários para preparar os sujeitos para a sua inserção ou atuação no mundo do trabalho e nas relações sociais. Para tanto, a concepção dominante determina que tais saberes imprescindíveis para a formação desses cidadãos, estão distribuídos entre os conteúdos das sete disciplinas: matemática, línguas, geografia, história, ciências, artes e educação física. Por sua vez, os conteúdos de cada disciplina são elaborados a partir dos interesses do poder social e estão definidos nos currículos de cada disciplina. Seguem-se assim um modelo estático, convencional e conservador, havendo diferenças, talvez, na forma como se dá o processo de ensino aprendizagem.

Em se tratando da Educação Infantil, campo desse trabalho, tal concepção permanece, porém, noutros moldes. Aqui os saberes são divididos em sete “línguas”: oral e escrita; matemática; artes; música, corpo e movimento, natureza e sociedade; digital. Percebe-se que os conteúdos são praticamente os mesmos, porém, a abordagem no processo de ensino aprendizagem tem suas particularidades. No entanto, a preocupação com tais saberes já têm início lá na primeira infância. E é daqui, deste espaço/tempo, de onde pretendo, sem julgamentos sobre o que está certo ou errado nesse currículo, pensar o cinema como forma de ver e inventar o mundo. (Migliorin, 2014). E onde entra o cinema nesse currículo?

De acordo com Marlucy Paraíso (2010) “um currículo está sempre cheio de ordenamentos, de linhas fixas, de corpos organizados, de identidades majoritárias”. Para dar conta de abarcar todo o conteúdo a que se dispõe, o currículo precisa ser disciplinado, planejado, ordenado, seguir regras, convenções e tempos para que alcance os seus objetivos. É um fazer engessado e formatado de forma a impedir que haja qualquer deformação dos seus moldes.

Nessa perspectiva a autora fala em *currículo-desejo que nasce do inusitado*, e o inesperado só é possível acontecer e ser percebido se há espaço para novas explorações, pela busca de outras possibilidades e de rupturas com aquilo que já é

conhecido. Ou seja, ousadia para encarar novos desafios, acreditar na potencialidade de outros fazeres no currículo, e, principalmente, dar voz e escutar o desejo e a percepção das crianças diante do currículo que lhes é oferecido.

E é aqui que entra o cinema no currículo, pois, ele tem o poder de provocar estranhamentos, transformar, desordenar, contrariar, confrontar. E tais possibilidades geram insegurança, desconfiança e preocupação por parte daqueles que preferem um currículo-modelo. Quando muito, cedem à exibição de filmes no intuito de preencher um espaço-aula, ilustrar um conteúdo do currículo ou, no caso das crianças na Educação Infantil, como recurso didático-pedagógico, porém, lúdico.

Portanto, pensar num currículo de filmes que ofereça possibilidades de *desejo*, que contribua para formação do gosto, do senso crítico e criativo e que desperte o interesse e a curiosidade, é um projeto ousado, “diverso e divergente do cinema de ‘consumo’”, conforme Mariza Guerra (2012) nos aponta. E ainda acrescenta que tais projetos “produzem alterações expressivas além de demandarem esforço, estudo, organização, sensibilidade”. Fecha parênteses.

Após essa trajetória pela escola e seus saberes, retorno à hipótese-cinema de Alain Bergala, para discutir sobre o principal conceito que rege todo esse trabalho: o cinema-arte na escola. Como dito anteriormente, não tive acesso ao livro de Alain Bergala, tendo, portanto, me baseado em três autoras que discutiram esse mesmo livro.

Adriana Fresquet, Gisela Pascale e Marina Rodrigues apresentam uma análise da hipótese-cinema, destrinchando a proposta para a educação que Bergala construiu quando era conselheiro do Jack Lang, Ministro da Educação na França. Já Marília Franco estabelece uma relação entre a proposta de Bergala e o panorama histórico das relações entre cinema, sociedade e educação no século XX.

Dentre os três trabalhos o que mais chamou a atenção e trouxe luz para a minha “hipótese” foi a seguinte citação de Fresquet (2010):

Para Bergala (2005,2008). não assistir a filmes de qualidade durante a infância significa perder uma possibilidade que não terá como acontecer com a mesma intensidade mais tarde. É como se as impressões produzidas nos primeiros anos pelo cinema deixassem uma marca inesquecível na memória afetiva pessoal. Os filmes achados tarde demais ‘permanecerão parcialmente não revelados.

“Os filmes achados tarde demais permanecerão parcialmente não revelados”. Essa frase ficou rondando em minha mente como uma voz da consciência. A priori porque me vi neste lugar da perda, da falta, do que nunca fora visto ou visto tarde demais. No início dessa dissertação relatei que tomei conhecimento do cinema-arte somente na graduação, isto é, passei sem essa experiência por todas as minhas primeiras fases: infância, adolescência, juventude, puberdade, vindo experimentar esse capital cultural somente após os trinta anos, já casada e mãe. E, realmente senti o peso dessa perda. Principalmente quando me lembrei de um momento com minha filha, então com quinze anos e com minha irmã de cinquenta anos, quando fomos assistir o filme “Praia do Futuro”³. Eu já estava no meio do caminho desse curso, portanto, me atentava para os filmes do circuito alternativo e, sempre que possível, levava e levo minha filha como companhia, assim como fazia durante a graduação no qual estava conhecendo essas produções. Durante a exibição do filme, alguns espectadores incomodados com o enredo se retiraram da sala de cinema. Notei que minha irmã também não estava confortável. Minha filha, atenta. Na saída do cinema, minha irmã tece um comentário sobre o filme alegando-o cansativo, sem sequência de enredo e que não entendeu muito bem. Então, minha filha prontamente responde: *tia, esse tipo de filme não é pra entender. É pra fazer você pensar na vida e o que acontece à sua volta*. Não precisei e nem quis acrescentar nada. Foi o bastante para confirmar que o cinema-arte tem outro enfoque para além de um simples roteiro de uma história com começo, meio e fim. Realmente o cinema-arte desconstrói, reformula, incomoda, faz sentir.

Outra circunstância que tal frase continuou rondando meus pensamentos foi a percepção ou consciência de me ver no lugar de professora/mediadora de culturas, e o que eu poderia oferecer “de qualidade” para as crianças e que pudesse marcar a sua memória afetiva? Ou, como poderia promover mudanças naquelas práticas tradicionais dentro do âmbito escolar e familiar, uma vez que, as crianças tinham acesso somente aos mesmos filmes que assistiam nos dois ambientes. E, como entrar na escola com o outro, o diferente ainda mais na Educação Infantil, lugar que gera debates e embates, por ser ainda relativamente novo e controverso em suas concepções, sobre o que a crianças devem aprender e saber nessa fase.

³ Filme lançado em 2014 dirigido por Karim Aïnouz, estrelado por Wagner Moura, Clemens Schick e Jesuíta Barbosa.

A partir dessas inquietações, precisava compreender o que poderia ser considerado filme de qualidade. Daí cheguei ao conceito de cinema-arte ou cinema como arte baseado na hipótese de Bergala e apresentado pelas autoras:

Fresquet: *Nada mais estrangeiro do que a arte no contexto escolar. Arte não obedece, não repete, não aceita sem questionar. Arte reclama, desconstrói, resiste com certa irreverência* (p. 206).

Gisela e Marina: *a arte não se ensina, mas se encontra, se experimenta e se transmite por outras vias além do discurso.*(p. 99)

Marília Franco cita diretamente Bergala (2008, p. 47)

A arte no cinema não é ornamento, nem exagero, nem academicismo exibicionista, nem intimidação cultural. Esse tipo de atitude é, inclusive, o que existe de mais prejudicial ao cinema como arte verdadeira e específica. A grande arte no cinema é o oposto do cinema que exhibe uma mais-valia artística.

A partir de tais pressupostos, compreendi o cinema-arte como algo que possibilite ao espectador, antes de mais nada, externar os seus sentimentos, assim como bem disse minha filha. Isto é, não é um cinema intencional e didatizante. Cinema-arte não tem um fim, um propósito formal. Ao contrário, ele vem para desconstruir, reformular, questionar, e até mesmo incomodar. Sim, porque se o sujeito se sentiu incomodado é porque algo o tocou.

E o incômodo gera desconforto, inclusive físico. Nesse momento o corpo costuma falar mais que as próprias palavras, uma vez que, a linguagem corporal busca interpretar as sensações produzidas, seja de prazer, alegria, euforia, tristeza ou incômodo. Tal princípio é percebido principalmente entre as crianças, que até determinada fase da infância, têm o corpo como sua linguagem principal, conforme conceito a seguir.

2.4 Corporeidade e Cinema

Os três conceitos anteriores se relacionam e completam entre si a ideia do argumento para o desenvolvimento deste trabalho. E a questão da corporeidade onde se encaixa?

Tal aspecto surgiu ao longo do projeto, vindo a complementar e confirmar um dos conceitos centrais que perpassam a Educação Infantil: a corporeidade das crianças, entendendo o corpo na sua relação com o contexto no qual está inserida.

Nessa perspectiva, o contexto é representado pelo cinema na escola e a manifestação corporal das crianças foi observada e analisada durante a exibição dos filmes.

Nessa fase a vida humana, o corpo é apresentado como a primeira manifestação da linguagem, um meio de comunicação e expressão da criança com o que se passa ao seu redor, uma vez que a linguagem da fala e da escrita ainda estão em processo de desenvolvimento, conforme sinaliza NISTA-Piccolo e MOREIRA (2012, p. 22)

Cada ser humano possui seu esquema de desenvolvimento, o qual define sua individualidade... Tudo o que faz para conhecer, para se relacionar, para aprender, o faz pelo corpo... O corpo é o primeiro objeto que a criança percebe por meio de suas satisfações, de suas dores, das sensações visuais e auditivas. É o seu meio de ação para conhecer tudo à sua volta.

No entanto, ainda não há uma definição clara sobre o conceito de corporeidade relacionado à imagem, ao audiovisual. Normalmente esse termo está relacionado às práticas da Educação Física ou às deficiências físicas. Conforme aponta o artigo de Scorsolini-Comin e Amorim, foram identificados alguns trabalhos de diferentes áreas do conhecimento e de diversas linhas de abordagens da Psicologia. Nesse documento os autores trazem a definição de corporeidade baseada na fenomenologia de Merleau-Ponty estabelecida pela autora Polak:

[...] como mais que a materialidade do corpo, que o somatório de suas partes; é o contido em todas as dimensões humanas; não é algo objetivo, pronto e acabado, mas processo contínuo de redefinições; é o resgate do corpo, é o deixar fluir, falar, viver, escutar, permitir ao corpo ser o ator principal, é vê-lo em sua dimensão realmente humana. Corporeidade é o existir, é a minha, a sua, é a nossa história. (Polak, 1997, p. 37)

Outra pesquisa nesse âmbito com enfoque na relação entre corpo e educação também aponta para o atraso nas pesquisas sobre tais aspectos, sendo considerado um campo de grande complexidade e subjetividades. Segundo os autores desse artigo⁴ (2014, p. 57) “o corpo é central sendo o meio pelo qual nos utilizamos para experimentar o mundo, para existir no mundo, uma vez que, o corpo humano estabelece suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo/natureza”.

⁴ Corpo e Educação: algumas questões epistemológicas.

Considerando tal afirmação, concebo o corpo como a materialização dos nossos sentimentos, desejos, afetos. Nesse sentido o corpo talvez seja a forma mais fiel de representação da nossa consciência, estabelecendo constante relação entre o binômio corpo/mente.

Nesse estudo foi citado Gil, um filósofo que trata sobre essa temática, e que apresenta o seguinte argumento: “não há consciência sem consciência do corpo, sem que os movimentos corporais intervenham nos movimentos da consciência. E consciência do corpo significa uma espécie de avesso da intencionalidade” (p.61).

Ainda nesse artigo, também foi citado o filósofo da fenomenologia, Merleau-Ponty, que tem o corpo como tema central de seus estudos e concebe a linguagem corporal como possibilidade de conhecimento.

Com base nesses pressupostos, penso que o cinema-arte, conforme conceituado anteriormente, promove justamente essa “consciência do corpo” sem intenção. Diria que esta dimensão do cinema exerce algum tipo de poder sobre os sentimentos humanos, de forma que estes possam se expressar, também e fundamentalmente, através da linguagem corporal.

Reitero a necessidade de ter aprofundado mais no estudo da questão teórica do corpo, dentro da perspectiva da linguagem e expressão, principalmente com relação aos estímulos audiovisuais. No entanto, o tempo dispensado para o desenvolvimento deste trabalho não foi favorável para elucidar todos os questionamentos e implicações.

Dessa forma finalizo a apresentação dos conceitos teóricos os quais considerei pertinentes e fundamentais para analisar criticamente a minha prática educativa.

3. ARGUMENTOS E ESCOLHAS

Tudo começou a partir de uma inquietação ou certo incômodo com relação ao comportamento e a postura corporal das crianças quando assistiam a algum filme na escola, tanto as crianças da minha turma como as outras. Bastava passar pela biblioteca, local onde os filmes são exibidos, e lá estava uma turminha assistindo algum filminho. E, normalmente, eram sempre os mesmos assim como o comportamento das crianças.

Durante esses momentos foi possível observar e refletir sobre alguns aspectos, que poderiam passar despercebidos caso eu não estivesse num processo de “mudança do olhar”. Um desses aspectos refere-se à postura das professoras frente às crianças. Normalmente elas ficam na posição como um “vigia” da turma supervisionando-os para que ficassem quietos e atentos ao desenho, senão voltariam prá sala de aula. Quando uma ou outra criança se manifestava com alguma reação corporal, como: levantar e imitar o personagem, demonstrar euforia perante alguma cena, buscar outra posição mais cômoda para assistir ao filme como deitar-se, a professora repreendia tais atitudes alegando que estavam atrapalhando os outros colegas. Falar então, comentar, argumentar, questionar era humanamente inviável.

Outro ponto foi a observação da postura corporal das crianças durante as exibições dos filmes. Quando assistem aos filmes que fazem parte do seu repertório familiar, ou seja, produções do circuito comercial, os quais já estão acostumadas, normalmente elas ficam inertes ou simplesmente respondem aos estímulos provocados pelos personagens de forma automática, porque já sabem o que esperar e o que deverão fazer a seguir. Não existe elemento surpresa ou o *inesperado*.

E um terceiro aspecto percebido foi o fato de que as crianças poucas vezes escolhiam ou opinavam sobre os filmes. E quando tinham oportunidade para isso, não havia muitas escolhas a não ser optar por aqueles os quais já conhecem. Talvez medo do desconhecido ou porque, sendo ainda crianças, eram subestimadas em suas escolhas.

Tais fatos trouxeram questionamentos os quais culminaram para a pesquisa desse trabalho. A primeira problematização se deu em torno dos estímulos audiovisuais pelos quais as crianças de um a cinco anos estão em contato através da exibição de filmes, durante o período em que estão na escola. Por que lhes são

apresentados, normalmente, os mesmos filmes que elas já conhecem, já assistem em casa? Qual deve ser o comportamento das crianças durante a exibição dos filmes? Qual é a postura das professoras com relação às crianças nesses momentos? E se forem apresentados filmes “diferentes” para as crianças como elas se manifestariam? E, finalmente, quais seriam esses filmes?

Ressalto que inicialmente pensei que o trabalho poderia ser direcionado para a questão dos estímulos audiovisuais para as crianças tão pequenas. O quê ou como tal movimento afetaria essa fase da vida. No entanto, o durante o seu desenvolvimento outros elementos foram observados e direcionaram meu olhar para outro foco, apesar de que, ainda se relaciona de certa forma com o inicial.

E quais foram esses elementos? Todos os outros questionamentos gerados a partir da observação dos momentos de exibição de filmes na escola: porque os mesmos filmes; porque as professoras precisam vigiá-los para que fiquem quietos; como as crianças se comportavam fisicamente durante a exibição; e se mudasse os filmes qual seriam suas reações.

E qual o argumento chave da questão? A linguagem corporal das crianças e sua relação com os filmes que assistem.

Tal argumento foi gerado e fomentado a partir do momento que propus exibir filmes inéditos para essas crianças. Só esse aspecto já gerou uma certa diferença nas reações das crianças. E à medida que elas se familiarizavam com esse acervo “diferente” era notável outras mudanças no comportamento corporal das crianças.

A priori, não tinha a noção da dimensão desses resultados. Pensava somente se as crianças iriam “gostar” ou não desses filmes, e, para tanto bastava perguntar se gostaram e ouvir seus comentários. Caso as respostas fossem negativas eu poderia trocar os filmes, simplesmente, e escolher outro repertório.

No entanto, estou falando de sujeitos que surpreendem a cada instante, seja através de um comentário, uma ação ou reação, sendo que a linguagem oral está mais desenvolvida e assim, se expressam mais verbalmente. Além de sujeitos-surpresa, a própria escola, reconhecida e legitimada como local dos saberes é um espaço estruturado fisicamente, porém, habitado, movido, modificado pelas pessoas que ali estão no seu cotidiano, mesmo que seu funcionamento seja organizado por um conjunto de regras, diretrizes, deveres e direitos, ainda assim ele está sujeito à imprevisibilidade.

E, desse imprevisto que percebi as possibilidades da entrada do novo, do estranho na escola.

3.1 Estranho na escola

Tendo encontrado a brecha para inserir o “outro” na escola e entre as crianças, pretendendo conforme Paraíso, explorar novos encontros e romper com o que já era conhecido, restava pesquisar quem seria ele e qual a sua forma. Daí, pensando na escola ainda como espaço de formação e reprodução cultural, surge uma segunda questão que também fora abordada nesse trabalho. Trata-se de qual é o repertório fílmico presente na escola e de que forma estão sendo exibidos pelas professoras às crianças. Conforme Rosália Duarte (2009, p. 71):

...geralmente, a escolha dos filmes que são exibidos em contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas, sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver *a partir ou por meio* deles. Nesse caso, o filme não tem valor por ele mesmo ou pelo que representa no contexto da produção cinematográfica como um todo; vale pelo uso que podemos ou não fazer dele em nossa prática pedagógica.

Aqui retorno ao campo das escolhas, partindo do pressuposto de que qualquer filme é educativo dependendo da relação que o espectador estabelece com ele, porque nunca se sabe quando e de que forma o filme vai tocar a gente. Daí que os professores/mediadores de culturas, precisam reconhecer a necessidade de começar a organizar uma metodologia de trabalho referente ao instrumento audiovisual no meio escolar.

Outro ponto instigante extrapola os muros da escola, uma vez que, através das escolhas dos filmes feitas pelas crianças nesse ambiente, as mesmas não têm contato ou conhecimento de quaisquer outras produções diferentes daquelas que assistem pela TV, em casa, através dos canais abertos ou fechados. Nessa faixa etária, entre 3 e 4 anos, poucas são as crianças que já foram ao cinema.

3.2 Cenário

O trabalho foi desenvolvido na UMEI Palmeiras que está localizada na região Oeste, no Bairro Palmeiras, inaugurada em Dezembro de 2013. O corpo docente é formado por 35 professoras que são distribuídas em três turnos: Manhã (7:00 às

11:30), intermediário (8:30 às 13:00) e tarde (13:00 às 17:30), além de duas coordenadoras e uma vice-diretora, sendo que a diretora corresponde à mesma da escola Pólo a qual a UMEI está vinculada. Contamos também com seis monitoras de Apoio à Inclusão.

O público atendido reside no entorno da escola, uma região fora de área de risco. Sua estrutura física acompanha os novos modelos das escolas de Educação Infantil da Prefeitura de Belo Horizonte/PBH, com um design inovador, colorido e moderno. O prédio tem 2 andares, sendo que possui rampa de acesso externa a deficientes e elevador interno para esse fim. No andar de cima estão 8 salas de aula, 4 banheiros para as crianças (2 femininos e 2 masculinos); sala de lanche das professoras com 1 banheiro. No térreo estão as 3 salas das crianças menores: B0 (Berçário), B1 (1-2 anos), B2 (2-3 anos), 1 sala de aula, 2 banheiros mistos, sendo 1 com vestiário e chuveiros. 1 sala de reunião de professores, Biblioteca, Sala da Coordenação, Sala de materiais, Secretaria e direção, Cantina e refeitório, 2 banheiros de adultos (1 feminino e 1 masculino).

A área externa é composta de solário para os bebês, 1 teatro de arena, horta, parquinho com brinquedos.

São 12 salas de aula sendo:

HORÁRIO INTEGRAL:

1 turma do berçário: 12 crianças de 0-1 ano

1 turma de B1 – 12 crianças de 1-2 anos

1 turma de B2 – 12 crianças de 2-3 anos

HORÁRIO PARCIAL: MANHÃ

3 turmas de 3-4 anos: 60 crianças

3 turmas de 4-5 anos: 60 crianças

3 turmas de 5-6 anos: 75 crianças

HORÁRIO PARCIAL TARDE:

5 turmas de 3-4 anos: 100 crianças

1 turma de 4-5 anos: 20 crianças

3 turmas de 5-6 anos: 75 crianças

São atendidas 12 crianças com deficiência, sendo 1 em cada uma das minhas turmas: 1 com síndrome de Down na turma da tarde e 1 com autismo no turno da manhã, cada qual tendo o acompanhamento da monitora de Apoio à Inclusão.

3.3 Protagonistas

Quando iniciei esse projeto em Agosto/2014, estava como professora referência de uma turma de vinte (20) crianças de três a quatro (3-4) anos do turno da tarde e como professora substituta de uma turma de vinte (20) crianças de quatro a cinco (4-5) anos no turno da manhã. A turma de 4-5 anos participou do projeto somente em Agosto, pois, no mês seguinte assumi outra turma de 3-4 anos do turno da manhã, a qual inseri no projeto a partir de Setembro/2014.

A UMEI Palmeiras foi inaugurada em Dezembro/2013 e iniciou suas atividades com os alunos em Fevereiro/2014. Sendo assim esse foi o primeiro ano dessas crianças nessa escola, portanto, muitas novidades e também adaptações a esse novo ambiente, novas professoras, novos colegas. Tal movimento se deu tanto com as crianças quanto com as professoras que também eram novatas nessa escola, e muitas, iniciantes no cargo, como no meu caso.

3.4 Público

Em primeiro plano pretendi afetar diretamente as crianças com quem estava trabalhando para observar o impacto dessa estranheza. Diante dos resultados, que foram surpreendentes, investi na divulgação desse roteiro para outras professoras e para as famílias das crianças.

Assim foram definidos os elementos fundamentais para compor o roteiro a seguir.

4 ROTEIRO

4.1 Sequência de ações

Inicialmente foi feito um levantamento do acervo fílmico da escola, a fim de saber o que estava sendo oferecido para as crianças. Esse acervo é composto pelos seguintes filmes:

- Galinha Pintadinha - de 1 a 4
- Peppa Pig – vários episódios
- Pingu – 4 DVDs com 4 episódios cada
- Charlie e Lola – Box com 4 DVDs e 4 episódios em cada
- Desenhos animados: Ursinho Pooh, Princesas,
- Casa do Mickey
- Turma do Cocoricó
- Outros que são levados pelas professoras

A partir desses dados, o passo seguinte foi pesquisar produções cinematográficas, preferencialmente de curta-metragem, devido à idade das crianças e o tempo disponível para exibição dos mesmos. As fontes utilizadas para pesquisa foram os sites: Youtube, Vimeo, Porta Curtas e indicações de pesquisadores sobre o tema e os próprios colegas do Laseb. Ressalto que nesse ponto deparei-me com a minha primeira dificuldade: encontrar filmes “apropriados” para essa faixa etária. Devido a esse fato, os filmes selecionados não são especificamente classificados para o público infantil, porém, não são também desapropriados. Vide Tabela 1

Após a pesquisa foram selecionados vinte e três (23) filmes de animação de curta metragem e gravados num CD/DVD para exibição na TV da escola. Para tanto, foi elaborado um cronograma semanal da amostragem dos filmes, uma vez que, esse é o período determinado/reservado para cada turma visitar a biblioteca: trinta minutos, uma vez por semana. Foram escolhidos dois(2) filmes por dia, sendo que, em alguns casos a exibição se repetiu devido o interesse das crianças.

Para observação das reações e movimentos das crianças optei por usar uma câmera fotográfica/filmadora, exposta de frente para as crianças, num ponto fixo.

Assim, posteriormente poderia pesquisar esses arquivos para analisar a postura, feições e comentários das crianças durante a exibição dos filmes.

Devido os resultados obtidos através desses momentos, preparei uma cópia dessa filmografia a fim de distribuir para cada família das crianças, com o intuito de divulgação e, posteriormente, ampliação da pesquisa para saber quais as reações ou impressões das famílias ao entrarem em contato com essas produções. Também compartilhei uma cópia com a escola, para caso alguma professora tivesse interesse em exibir para seus alunos.

4.2 Diálogos

Após a verificação dos títulos que a escola possui, fiz uma entrevista informal com algumas professoras referência dos dois turnos para saber quais os filmes tinham o hábito de exibir para as crianças e os motivos dessas escolhas. E a resposta foi unânime: Galinha Pintadinha⁵ e Peppa⁶, porque são esses os que as crianças sempre pedem. Além do fato das crianças já os conhecerem porque assistem em casa, as professoras apontaram que esses desenhos são bons porque prendem a atenção das crianças e sempre ensinam algo para elas. No caso da Galinha Pintadinha *as crianças aprendem, por exemplo, as cores, as letras, os números através de musiquinhas populares que todos nós conhecemos. E o desenho da Peppa mostra o cotidiano de uma família de porquinhos que apresenta situações semelhantes ao cotidiano das crianças e que ensinam sobre as relações familiares: respeito, obediência, cooperação.*

Algumas ainda responderam que também exibem outros filmes como: Pingu, Dora Aventureira, Turma do Nosso Amiguinho (evangélico), Casa do Mickey, Ursinho Pooh, Cocoricó, Patati Patará. No entanto, reforçaram que as crianças preferem assistir os dois primeiros que foram citados. Outras disseram que, às vezes, levam algum filme infantil, porém, são mais longos e as crianças se dispersam porque ficam cansadas e assim. O único longa que elas gostavam e

⁵ Produção de animação musical que não consta nas programações dos canais abertos e fechados, sendo acessível sua exibição através de DVD ou canais de vídeos da Internet como Youtube.

⁶ Série de desenhos animados exibidos pelo canal de TV por assinatura Discovery Kids ou através de canais de vídeos da Internet.

conseguiam assistir era “Frozen”, que uma das professoras emprestava para as outras. Assim, quase todas as turmas da escola assistiram esse filme, ou parte dele por causa do tempo disponível para exibição.

Durante as rodas de conversas com as crianças, aproveitava o momento para saber quais os filmes ou programas de TV gostavam de assistir. A maioria respondeu que assistiam Peppa, pela TV (canal fechado) ou DVD. Galinha Pintadinha e Patati Patatá também foram bastante citados por elas que tinham o DVD ou algum primo ou colega. Além desses, algumas crianças ainda fizeram referência aos desenhos de “meninos” como Ben 10, Homem Aranha e outros Super Heróis. E os desenhos de “meninas” como Dora Aventureira, Little Poney, e a febre do momento “Frozen”

4.3 Cenas

Antes de colocar o projeto em ação, sempre que passava pela biblioteca e havia alguma turma assistindo algo, costumava observar a cena: postura e comportamento das crianças e professoras. Obviamente que esses momentos eram curtos, trazendo somente uma impressão sutil, porém, com aspectos em comum. Normalmente as crianças sentadas, quietas, caladas. As professoras vigiando para manter a ordem. E na tela, sempre os mesmos filmes já citados por elas e pelas crianças.

Algumas vezes, levei minhas turmas para acompanhar outras durante esses momentos. Assim, tinha mais informações sobre esse cenário. Outro momento ou prática bastante comum, era reunir duas ou três turmas na biblioteca, na ausência de algum professor, para preencher esse horário. Nesse caso, a situação é um pouco mais complexa porque o número de crianças no mesmo espaço é maior e o controle sobre elas é mais vigiado ainda. E os filmes...continuam os mesmos.

A partir dessas observações coloquei meu plano de ação em prática.

4.4 Sala de cinema

Uma vez por semana, durante 30 minutos, todas as turmas têm um horário reservado na Biblioteca, seja para leitura ou exibição de filmes, sendo que, normalmente o espaço é mais utilizado para os filmes. Fazendo um adendo sobre

essa informação, essa situação por si já me causou certo incômodo por conceber a biblioteca como um espaço, primordial, para divulgação e a prática da leitura literária principalmente no caso da Educação Infantil. Além de um vasto acervo literário, essa biblioteca possui fantoches para enriquecer ainda mais esses momentos. No entanto, poucas vezes tem sua principal função praticada.

Nesse âmbito, quando programei a exibição dos filmes, busquei dividir esse tempo com um momento para apreciação da literatura. Inclusive, o primeiro curta exibido foi precedido pela leitura do livro: Exercícios de ser criança, de Manoel de Barros, do qual uma das histórias estava reproduzida no filme: Histórias da Unha do Dedão do Pé do Fim do Mundo. Outro exemplo foi relacionar os livros do Marcelo Xavier que contém ilustrações tridimensionais feitas com massinha e os curtas ou filmes feitos com o recurso do Stop Motion. Outras vezes buscava alguma história com o mesmo contexto dos filmes, ou, deixava as crianças manusearem livremente os livros.

Retornando à sala de cinema, ela é equipada com uma TV 46' e um aparelho de DVD. Para acomodar as crianças são utilizados pufes, tapetes grandes e almofadas. A máquina fotográfica/filmadora ficava exposta de frente para as crianças, fixa na prateleira abaixo da TV.



Figura 1 Sala de Cinema

Cabe ressaltar que, uma vez sendo filmado imagens e falas das crianças, recolhi autorização das famílias, em formulário próprio do LASEB, para utilização desses recursos caso necessário. Anexo à autorização enviei um documento⁷ explicando o projeto. Ressalto que todas as famílias assinaram a autorização e algumas ainda fizeram comentários parabenizando a iniciativa. Já valeu a experiência.

4.5 A primeira sessão

No primeiro dia de exibição dos filmes, ainda na sala de aula, informei às crianças que íamos assistir filme na biblioteca. Logo perguntaram se seria o desenho da Peppa. Já esperava por essa atitude, devido a experiências anteriores e os relatos das professoras. Apenas respondi que naquele dia eles iriam assistir outros filmes. Houve certo descontentamento por parte de algumas, outras nem se manifestaram e as demais se entusiasmaram com a ideia. Assim ocorreu com as duas turmas.

Chegando à biblioteca esclareci que poderiam ficar à vontade, sentados, deitados, desde que não atrapalhassem uns aos outros. Fiz a leitura da história “O menino que carregava água na peneira” do livro Exercícios de Ser Criança do Manoel de Barros, por ser uma das histórias retratadas no filme que iriam assistir. Em seguida exibi o filme e fiquei observando. Ressalto que antes, durante e após as exibições, procurei não interferir, comentar ou fazer perguntas sobre os filmes e os sentimentos das crianças. E esse foi um aspecto que trouxe informações interessantes e surpreendentes relatadas no capítulo seguinte.

E assim sucederam as sessões.

7

Vide apêndice 1

5 APONTAMENTOS E RESULTADOS

O que podemos pedir como resposta para estudantes quando chegamos com o cinema? A resposta é simples: de preferência nada.

(MIGLIORIN, 2014)

Realmente, iniciei esse projeto sem grandes intenções. Não esperava nada além de que, ampliar o repertório fílmico das crianças para que tivessem acesso a outras produções diferentes daquelas a que estavam acostumadas assistir no seu cotidiano familiar. Nem me preocupava saber se elas gostariam ou não. Só pretendia observar como os filmes, sob o aspecto de estímulos visuais, poderiam causar reações nas crianças e quais seriam elas caso tivesse acesso a filmes que não fossem do circuito comercial.

Mas, crianças e educação são instâncias imprevisíveis e que podem nos surpreender, mesmo sabendo que há um certo consenso sobre as características, rotina, desenvolvimento, aspectos delas, ainda assim podem acontecer episódios inesperados. E quando incluí o cinema-arte nesse meio, todos os consensos se desfizeram e foram reformulados. Inclusive o direcionamento do foco do trabalho.

Sendo assim, entrei no processo do aprender e desaprender (FRESQUET). Ou na ordem inversa: desaprender, desconstruir as ideias pré-concebidas, os espaços limitados, os conceitos engessados, as práticas tradicionais não criativas, a subestimação das capacidades das crianças. E depois aprender, reaprender e reconstruir esses conceitos, sabendo que poderiam ser contrariados novamente. Mutantes.

5.1 Percalços na produção

No projeto inicial pensei em estimular as crianças a registrarem através de desenho o filme que assistiram. Essa atividade foi possível somente com a turma de 4-5 anos, pois, já tinham um controle maior da coordenação motora para segurar o lápis e ainda conseguir registrar suas impressões após a exibição dos filmes. No entanto, nem todos tiveram interesse pela atividade e outros desistiram de fazer porque não compreendiam. Alguns fizeram e os resultados foram encantadores. No

entanto, com as crianças menores essa atividade tornou-se inviável, sendo que pouquíssimas se manifestaram interessadas por fazê-la. Sendo assim, não solicitei mais essa atividade, mesmo porque, percebi que o mais relevante para minha pesquisa era observar as reações, emoções e comportamentos das crianças no momento das exposições.

Também havia pensado em repetir a exposição do primeiro filme no final do projeto. Isso também não foi possível, pois, como descrito no quadro do cronograma, no decorrer do projeto foram repetidos vários filmes a pedido das crianças.

Como dito anteriormente, fixei uma câmera filmadora de frente para as crianças a fim de captar imagens de suas reações e posturas durante as exposições filmadas. Porém, não há visualização/imagem de qual filme elas estão assistindo somente um pouco do som, pois, a câmera fica disposta numa prateleira abaixo da TV. Ao comentar esse fato à Professora Elza Cataldo, a mesma disse que seria importante filmar também o que as crianças estavam assistindo até mesmo para que eu pudesse analisar melhor as suas reações diante de determinado filme. Assim ela sugeriu que colocasse a câmera noutra ângulo para que pudesse captar as crianças e o que elas estavam assistindo ao mesmo tempo. Ou filmar com duas câmeras, uma contemplando as crianças e outra a TV. E ainda sobre o que já havia sido registrado, recomendou-me que editasse tais filmagens adicionando as imagens que as crianças estavam assistindo.

Diante dessas intervenções, na última semana de exposição, dispus a câmera na prateleira lateral, de forma a contemplar os dois focos: as crianças e a TV. O resultado foi satisfatório com relação às imagens da TV, no entanto, como estava ao lado das crianças, não foi possível ver suas reações faciais, seus olhares.

Sendo assim, as análises foram feitas a partir do que fora captado em todos os momentos e sobre os comentários tecidos antes, durante e após as exposições.

5.2 Olhares e corpo

Não pretendo aqui fazer uma análise crítica e sistemática sobre os filmes que as crianças assistem e suas implicações para o seu desenvolvimento, mesmo que esse tenha sido o motivo inicial que me instigou a observar mais atentamente essa

prática escolar. No entanto, esse estudo requer mais aprofundamento o que seria inviável no tempo disponível para o desenvolvimento desse projeto.

Tampouco criticar ou censurar as escolhas das professoras, famílias e crianças, por esses filmes do circuito comercial, mesmo porque tenho uma filha nessa faixa etária que também assiste a esses filmes. Inclusive ela foi a primeira protagonista “cobaia” desta pesquisa, pois, eu já observava o seu comportamento quando estava assistindo a filmes. Penso que seja até importante terem acesso a essas produções para que possam desenvolver o pensamento crítico e criativo. A questão está justamente no acesso. Para que tenham o discernimento e possam escolher há que se tenham opções.

Por isso compactuo com a fala de Bergala, citada por Adriana Fresquet (p. 210) de que “tudo o que a sociedade civil propõe à maioria das crianças, são mercadorias culturais rapidamente consumidas, rapidamente percíveis e socialmente ‘obrigatórias’”. Por isso a opção de propor um cinema alternativo.

Sendo assim, procurei descrever o que o meu olhar captou sobre os olhares, feições, emoções e linguagem corporal das crianças quando são induzidas ou conduzidas para o mundo do cinema.

E o inesperado aconteceu. Logo na primeira exibição ficou claro que havia diferenças consideráveis nas linguagens oral e corporal das crianças, quando comparadas a exposição das mesmas aos outros filmes. A postura delas com relação ao novo, inédito foi surpreendente. À medida que se apropriavam desse novo repertório, essas diferenças foram realçando e ficando cada vez mais evidentes.

Diante das percepções em tempo real e, posteriormente da análise da filmagem das crianças, foi possível constatar que elas ficam mais atenciosas. O corpo se movimenta e se acomoda de tal forma, à espreita de que algo possa acontecer e elas precisam estar preparadas. Tais movimentos são percebidos através da posição que escolhem para assistir aos filmes – sentados, agachados, ajoelhados, deitados e até em pé - das reações aos elementos surpresa do enredo através das expressões faciais – surpresa, medo, tristeza, angústia, alegria, alívio - dos momentos de inquietação quando estão incomodados ou ansiosos com alguma cena. Pensamento e corpo estão em sintonia o que se percebe também através das falas.

Sobre a linguagem oral percebe-se claramente a diferença nos comentários, observações, questionamentos, nos diálogos entre elas sobre alguma cena, nas inferências sobre os acontecimentos. Através do pensamento livre, sem inferências ou interferências dos adultos, nesse caso as professoras, percebe-se o prazer e o deslumbramento das crianças ao apontarem fatos ou aspectos das cenas de forma espontânea. Sensação de grandes descobertas. Isso prova ou aprova que o cinema oferece a oportunidade da criança elaborar sua emoção e se manifestar livremente através da fala e do corpo.

5.3 Filmes comerciais

PEPPA PIG

São vários episódios de aproximadamente dez (10) minutos que retratam o cotidiano de uma família de porcos composta tradicionalmente com pai, mãe, um casal de filhos, avó e avô e que se comportam como humanos. Durante a exibição desse desenho animado, as crianças estáticas, num estado de inércia que denominei “peppatizadas”. Demonstrem poucas manifestações físicas e verbais sobre os enredos. E quando fazem algum comentário é prevendo algum aspecto da cena, uma vez que já decoraram os episódios.

GALINHA PINTADINHA: volumes de 1 a 4

De acordo com o site oficial da Galinha Pintadinha⁸: “o projeto tem por principal objetivo o resgate e a promoção de canções infantis populares. Através da produção, gravação e distribuição de DVDs, as animações 2D de personagens infantis acompanham os temas das músicas seguindo um enredo montado com elementos visuais lúdicos e didáticos para a audiência infantil.” Nesse caso as crianças são mais reativas porque são induzidas a se movimentarem devido o estímulo criado pelos personagens para que elas acompanhem as atividades

⁸ <http://www.galinhapintadinha.com.br/>

didáticas através das músicas. Como alegam as professoras: as crianças aprendem a contar, cantar, as letras, os números.

5.4 Curtas alternativos

Quando informei às crianças que elas iriam assistir a uns filmes diferentes, estava prevendo que, caso não lhes agradasse ou ficassem muito incomodadas, eu não continuaria com o projeto nesses moldes. Porém, elas acataram a minha decisão e se permitiram experimentar o novo. Qual criança não gosta de novidade?

E esse foi um aspecto que fez toda diferença no desenvolvimento do trabalho, porque à medida que elas iam conhecendo o repertório, seu comportamento durante esses momentos já apresentava diferenças com relação aos outros filmes.

O primeiro curta exibido foi “A História da unha do dedão do pé do fim do mundo” baseado em poemas do Manoel de Barros. Levei o livro: “Exercícios de Ser Criança”, do mesmo autor, e li o primeiro poema: “O menino que carregava água na peneira” o mesmo que inicia o curta. As crianças não deram muita atenção para a leitura, pois, queriam assistir o que eu havia levado de diferente, porque eu sinalizei que não passaria nenhum dos dois títulos acima. Isso já gerou um certo impacto, pois, tive a impressão de que as crianças não conheciam outras produções além dessas.

Diante dessa expectativa iniciei a exibição do filme sendo que algumas crianças ficaram inquietas, normalmente as mesmas em todas as exibições, mas que no decorrer do filme elas começavam a perceber o interesse dos outros colegas e iam se acomodando para assistir ao filme.

Como dito anteriormente, as crianças ficam à vontade para fazer comentários inclusive durante a exibição. Esses são os melhores momentos desse projeto, pois, observei que, com outras professoras, normalmente as crianças são proibidas de conversar durante o filme porque “atrapalha”. Obviamente que se os comentários são pertinentes ao filme eu deixo acontecer normalmente, ao contrário disso, se os colegas que estão assistindo se sentem incomodados peço àquelas que estão “atrapalhando” que fiquem mais distantes dos colegas que estão interessados no filme.

Essa atitude faz com que essas crianças “dispersas” comecem a se interessar pelos filmes. Percebi tal reação ao longo da execução do projeto e, depois de

algumas exibições não era mais necessário solicitar essa atitude das crianças, porque, elas já haviam se acostumado ao nosso jeito de assistir aos filmes. E assim transcorreram as próximas mostras de curtas.

Na sala de aula quando eu anunciava que íamos para Biblioteca, as crianças logo se mostravam empolgadas e mostravam suas preferências ao solicitar reprises. Durante as reprises elas sempre observavam algo novo, que não tinham percebido na exibição anterior. Outros momentos elas já previam as cenas, porém, sempre com um dado a mais.

Cabe ressaltar que todos os comentários feitos pelas crianças foram espontâneos, sem nenhum questionamento ou interferência da minha parte. Algumas vezes eu dizia o título do filme quando as crianças perguntavam ou quando pediam para repetir e não sabiam dizer qual era o nome do filme. Com isso, busquei absorver somente o que estava no íntimo de cada criança quando assistiam àquelas produções totalmente distintas, em todos os seus aspectos, daquelas que estavam acostumadas a ver e rever.

6. (IN) CONCLUSÕES

Gostaria de apontar nesse trabalho conclusões mais consistentes ou comprovadas cientificamente. No entanto, alguns fatores não permitiram que assim fosse o desfecho. A primeira questão refere-se ao eixo do curso de Especialização em “Educação e Cinema”, sendo este o primeiro do Brasil, e, bem sabemos que os precursores de qualquer movimento são verdadeiros desbravadores do desconhecido. Assim, esses dezesseis meses de curso foram perpassados por momentos de dúvidas, incertezas, ansiedades, e um intenso aprendizado.

Em segundo, por se tratar de um tema relativamente novo em nosso meio, tive muito o quê desaprender para aprender quais as reais e inúmeras possibilidades do cinema como campo de aprendizagem, liberdade e prazer. Desconstruir paradigmas não é tarefa fácil. É preciso estudos e reflexões.

Nessa perspectiva apresento mais uma questão dessa dificuldade, o pouco tempo disponível entre o início do curso e o seu fim, sendo que nesse entremeio foi preciso definir e elaborar proposta de trabalho, realizar a prática educativa, estudar e pesquisar bibliografias pertinentes ao tema proposto, analisar os resultados e estabelecer relação com os referenciais teóricos. Realmente considero um período curto para tal pretensão.

No entanto, considero positivas todas essas (in)conclusões, uma vez que, tudo isso faz parte do aprendizado e engrandeceu enormemente essa experiência. E assim, apresento minhas “impressões” ainda não conclusivas, mas que trazem elementos, desejos e questões para possíveis trabalhos futuros.

Com relação ao Cinema-Arte na escola, não devemos ser contra o que nossos alunos vêm, porque isso é referência afetiva que elas trazem do seu contexto sócio-familiar. Nesse caso é preciso ficar atento no que está sendo sedimentado nessas crianças, desde tão cedo, como foi especificamente o meu caso.

Ainda nessa perspectiva, perceber que o cinema é mais que simples entretenimento. Nesse caso buscar ampliar as possibilidades que podem se desencadear através desse movimento, no sentido de que o cinema tem que estimular o senso crítico, para que o aluno amplie seu olhar, seu repertório cultural, o pensamento crítico e a visão dos professores.

Pensando no aspecto do desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, é necessário “deixar as crianças em paz” (MIGLIORIN) sem explicar ou exigir qualquer explicação sobre o enredo do filme ou suas impressões. Deixá-las livres para se expressarem espontaneamente provoca, conforme Fresquet, a “emancipação intelectual e a produção colaborativa do conhecimento. Tal movimento foi percebido claramente entre as crianças através dos seus comentários sobre as cenas dos filmes, que me impressionaram pelo seu aspecto criativo e crítico.

Ressalto a importância de ter enviado uma cópia do DVD dos filmes para as famílias, uma vez que, essa realização aconteceu na última reunião de pais e professores em Dezembro de 2014, sendo que na semana seguinte já estaria de férias não havendo tempo de pedir um *feed back* da família com relação aos filmes. No entanto, no início deste ano letivo, apesar de que não estou acompanhando as mesmas turmas, sempre encontro com alguns pais pelos corredores da escola, os quais comentam positivamente sobre os filmes. Esse é um aspecto que suscita outras possibilidades para dar continuidade nessa ou iniciar uma nova pesquisa sobre a experiência com os curtas no meio familiar.

Interessante observar que inicialmente quando chegamos com o novo, o estranho, isso gera desconfortos principalmente entre nossos pares. Depois vem o estágio da curiosidade, passando em alguns casos pela crítica direta, outras vezes, indiretas. Por fim, é satisfatório saber que, mesmo não tendo atingido a todos, algumas professoras abraçaram a ideia e, inclusive divulgaram para outras escolas. Até nisso o cinema é mágico.

O desenvolvimento desse trabalho gerou a necessidade em dar continuidade às pesquisas sobre o tema da corporeidade com relação aos estímulos audiovisuais e as suas consequências no desenvolvimento das crianças. Os vídeos com as imagens das crianças oferecem um vasto material de análise para aprofundar nesse tema ao observar a postura das crianças diante da exibição de diferentes tipos de filmes.

Por fim, as reais conclusões prontas sobre esse trabalho, é a crença de que as crianças são surpreendentes e não devemos subestimá-las. E que o cinema é uma das, senão a melhor, fonte de conhecimento que tem a capacidade de perpassar por todas as camadas da sociedade, sem distinção de raça, etnia, sexo, nível social, religião. Que sejamos “passadores” dessa arte.

APÊNDICE 1

PREZADA FAMÍLIA,

VENHO POR MEIO DESTA, ESCLARECER A QUE SE REFERE O PROJETO QUE ESTOU DESENVOLVENDO COM MINHAS TURMAS DA UMEI PALMEIRAS, CONFORME AUTORIZADO PELA DIREÇÃO DESSA INSTITUIÇÃO, REFERENTE AO PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO EM ANEXO. ESTOU CURSANDO DESDE O INÍCIO DESTE ANO, COM PREVISÃO PARA TÉRMINO EM MAIO/2015, UMA PÓS-GRADUAÇÃO COM ESPECIALIZAÇÃO EM “EDUCAÇÃO E CINEMA”. TAL CURSO É OFERTADO ÀS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO ATRAVÉS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG EM PARCERIA COM A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DA PBH. ASSIM, O OBJETIVO PRINCIPAL DESSA ESPECIALIZAÇÃO É TRAZER PARA PRÁTICA EDUCATIVA, DE FORMA EFETIVA, A TEORIA ESTUDADA DURANTE O CURSO. POR ESSE MOTIVO, AS CRIANÇAS SÃO O FOCO PRINCIPAL DESSE PROJETO DE TRABALHO ACADÊMICO.

SOB O TÍTULO: “AMPLIANDO AS POSSIBILIDADES DO CINEMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DO COMERCIAL PARA O ALTERNATIVO”, PRETENDO APRESENTAR ÀS CRIANÇAS NOVAS POSSIBILIDADES DE ACESSO A FILMES DIFERENTES DOS QUAIS ELAS ESTÃO ACOSTUMADAS A ASSISTIR EM CASA PELA TV, SEJA ATRAVÉS DE CANAL ABERTO OU FECHADO, DVDS E INTERNET. O INTUITO DO PROJETO, INICIALMENTE, É AMPLIAR O CAPITAL CULTURAL DESSAS CRIANÇAS PARA ALÉM DA “GALINHA PINTADINHA” E “PEPPA”, ENTRE OUTROS. NO ENTANTO, TAL OBJETIVO INICIAL É UM EMBASAMENTO PARA ESTUDOS FUTUROS SOBRE OS ESTÍMULOS AUDIOVISUAIS OS QUAIS AS CRIANÇAS SÃO E ESTÃO EXPOSTAS LOGO NA SUA PRIMEIRA INFÂNCIA.

O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO SE DÁ DA SEGUINTE FORMA:

- 1- SELEÇÃO DE FILMES DE CURTA METRAGEM RESPEITANDO A FAIXA ETÁRIA DAS CRIANÇAS.
- 2- EXIBIÇÃO DE 2 A 3 FILMES (SÃO DE NO MÁXIMO 12 MINUTOS CADA) UMA VEZ POR SEMANA, DURANTE O NOSSO HORÁRIO DE BIBLIOTECA.
- 3- DURANTE A EXIBIÇÃO DOS FILMES AS CRIANÇAS SE ACOMODAM SOBRE OS COLCHONETES E É FIXADA UMA CÂMERA DE FRENTE PARA ELAS COM A FUNÇÃO DE FILMÁ-LAS.
- 4- PROCURO NÃO INTERFERIR NESSE MOMENTO, DEIXANDO-AS BEM A VONTADE, POIS, MEU OBJETIVO AO FILMÁ-LAS É DE ANALISAR AS SUAS REAÇÕES, POSTURAS E COMENTÁRIOS ESPONTÂNEOS, DURANTE E APÓS A EXIBIÇÃO DESSES FILMES.

POR ISSO, FAZ-SE NECESSÁRIA A AUTORIZAÇÃO DE VOCÊS PARA QUE EU POSSA EXIBIR TAIS GRAVAÇÕES, UMA VEZ QUE, ESSE MATERIAL É PARTE FUNDAMENTAL DO MEU TRABALHO E SERÁ APRESENTADO SOMENTE PARA OS PROFESSORES (BANCA) QUE VÃO AVALIAR MEU TRABALHO.

FINALIZANDO ESSA ETAPA DO TRABALHO, PRETENDO ENCAMINHAR A VOCÊS UMA CÓPIA DOS FILMES EXIBIDOS ÀS CRIANÇAS PARA ASSISTIREM JUNTOS, BEM COMO, UMA PRÉVIA DA MINHA ANÁLISE A PARTIR DESSAS OBSERVAÇÕES.

ESTOU À DISPOSICÃO PARA QUAISQUER ESCLARECIMENTOS E CONTO COM A COLABORAÇÃO DE VOCÊS.

ATENCIOSAMENTE

PROFESSORA RENATA

“TURMA DO FAZ DE CONTA” E “TURMA BRINCADEIRA DE RODA

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mariza Guerra de. Memória e cinema: diálogos abertos. In: Revista Presença Pedagógica. v.18, n. 104. Mar/abr.2012. Belo Horizonte: Ed. Dimensão, 2012.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro n. 19, abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13/03/2014.
- DIAS, Marília Souza Andrade. Cinema, educação e direitos humanos. In: Revista Presença Pedagógica. v.20, n. 120. Nov/dez 2014. Belo Horizonte. Ed. Dimensão. 2014.
- DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FANTI, Monica. Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível. In: Revista Educação e Realidade. v. 32, n. 2, 2009. UFRGS, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9357/5546>. Acesso em 27/02/2015.
- FORQUIN, Jean Claude. Currículo e Cultura. In: *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FRANCO. Marília. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. *Revista Contemporânea de Educação*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2010. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/contemporanea-numeros-n9.html>. Acesso em 03/03/2015.
- FRESQUET, Adriana. O cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala, In: *Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010
- LEITE, Gisela Pascale de Camargo, RODRIGUES, Marina. A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. *Revista Contemporânea de Educação*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2010. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/contemporanea-numeros-n9.html>. Acesso em 13/03/2015.
- LOURO, Guacira Lopes. O cinema como Pedagogia. In: *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MIGLIORIN, Cezar. Cinema e escola: sob o risco da democracia. *Revista Contemporânea de Educação*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2010. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/contemporanea-numeros-n9.html>. Acesso em 13/03/2015.
- MIGLIORIN. Cezar. Deixem essas crianças em paz: o mafuá e o cinema na escola. In: Catálogo do 18º Festival do Filme Documentário e Etnográfico- Fórum de Antropologia e Cinema. Belo Horizonte: Associação Filmes de Quintal, 2014.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení, MOREIRA, Wagner, Wey. *Corpo em movimento na Educação Infantil*. – 1. ed. – São Paulo: Telos, 2012.

PARAÍSO, Marlucy A. É possível fazer um currículo desejar? In: PARAÍSO, Marlucy (org.) *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: CRV, 2010. P. 153-168.

PARAÍSO, Marlucy A. Um currículo entre formas e forças: diferença, devir-artista da contadora de filmes e possibilidades de alegrias em um currículo. In: FAVACHO, A.M.P.; PACHECO, J.A.; SALES, S.R. (orgs). *Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões*. Curitiba, CRV, 2013. p. 191-208.

SCORSOLINI-COMIM, Fábio, AMORIM, Katia de Souza. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. In: *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189-214, Jun.2008. Disponível em

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/295>.

Acesso em 13/03/2014.

SILVA, Maria Carolina. O Currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetividade dos/as infantis. In: PARAÍSO, Marlucy (org.) *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: CRV, 2010. p. 117-130.

SOUZA. João Valdir de Souza. Os profissionais do ensino como mediadores das culturas nas escolas. In: SOUZA, J.V.A.; OLIVEIRA, M. G; DINIZ, M. (org.) *Formação de professore(a)s e condição docente*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014 (no prelo)

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro e LOPES, José de Sousa Miguel Lopes (org). *A escola vai ao cinema*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. 2.ed. SP: UNESP/Paralelo 15, 2000. p.17-36.

ZOBOLI, Fábio, ALMEIDA, Felipe Q., BORDAS, Miguel A.G. Corpo e Educação: algumas questões epistemológicas. In: *Revista Contemporânea de Educação*. Rio de Janeiro. v.9, n.18, Jul/Dez, 2014. Disponível em

<http://www.revistacontemporanea.fe.ufrj.br/index.php/contemporanea/article/view/490/328>.

Acesso em 13/03/2014.

FILMOGRAFIA

ALLERS, Roger. A pequena vendedora de fósforos. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=s3y-WWSVIQg>. Acesso em 20/04/2015.

ANIMUS. Rua das Tulipas. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=HvsmuJDTNFo> . Acesso em 20/04/2015

BLAAS, Rodrigo.Alma. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=irbFBgl0jhM>. Acesso em 20/04/2015.

BOKSER,David. Aprender a aprender. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=8mQdoqTVKIE>. Acesso em 20/04/2015

COSTA. Rafael Gonzim. Esquimó o filme. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=8ImRaAgFNUQ>. Acesso em 20/04/2015.

DUBIELA. Alexandre. Bontempo. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=MvngKG8DOsE>. Acesso em 20/04/2015.

DUFILHO, Karen. Os Pássaros. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=WjoDEQgyTig>. Acesso em 20/04/2015.

ETCHEVERRY, Juan Pablo. A Maior Flor do Mundo. Disponível em :
<https://www.youtube.com/watch?v=etRnHXmYrW8>. Acesso em 20/04/2015.

KOPKE, Henrique. Akvo. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=WWs2tzW0Lig>. Acesso em 20/04/2015.

KOPKE. Henrique (orientação). O Livro Mágico. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=vvTGo6cHxsw>. Acesso em 20/04/2015.

LEVY, Carol. Até as princesas soltam pum. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=h8qyceMMItk>. Acesso em 20/04/2015.

MEURIS, Jo. A menina que odiava livros. Disponível em :
<https://www.youtube.com/watch?v=geQI2cZxR7Q>. Acesso em 20/04/2015

MILLER. Fernando. Calango Lengo: Morte e Vida sem ver água. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=bh5GtyP0PK4>. Acesso em 20/04/2015.

OZI Escola de Audiovisual de Brasília. A Ilha. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=oQjX19ZPbDY>. Acesso em 20/04/2015.

RAMOS. Joelma. Vida Maria. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=R2pEeVqShe4>. Acesso em 20/04/2015.

ROTH. Marcia. Historias da Unha do Dedão do Pé do Fim do Mundo. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY>. Acesso em 20/04/2015.

SOUMACHE, Alan. Chaplin. A Bicicleta. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=FDF2aR-mO2c>. Acesso em 20/04/2015.

SOUMACHE, Alan. Chaplin. Reflete vidro. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=hWUb3xhiHes>. Acesso em 20/04/2015.

TEY, Ting Chian. A ponte. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=0rzP9AXruE0>. Acesso em 20/04/2015.

UNSELD, Saschka. Azulado. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=nhXRcXoDwEE>. Acesso em 20/04/2015.

YANG, Dou Ning. O Farol. Disponível em :
<https://www.youtube.com/watch?v=atTr7uwCVQI>. Acesso em 20/04/2015.